



SIMPROFI

Simposio dos Programas
de Mestrado Profissional
26 e 27 de outubro de 2022

**EDUCAÇÃO, TRABALHO
E PRODUÇÃO SUSTENTÁVEL**



Sociedade do trabalho e sua crise: onde estão os paradoxos

Marcelo Micke Doti¹

Resumo – O artigo tem como objetivo inicial demonstrar como os discursos são linhas que se constroem na fala (acadêmica neste caso) e, como tal, precisa indagar da relevância do tema do simpósio, porém dentro de outras referências produtivas. Em seguida, por meio de uma segmentação deste texto em conceitos, tenciona-se explicar erros de concepção ao se falar de trabalho e sociedade do trabalho abarcando, na segmentação, algumas ideias caras às forças produtivas e à acumulação atual de riquezas. Exemplifica-se, então, formas necessárias de instrumentalização humana de demandas sociais nunca atendidas pelo capital: mostra-se, com isso, que a lógica do capital deslegitima necessidades sociais e produz subjetividades para seus propósitos e nunca orientadas para atendimento de carências básicas dos seres humanos. Por fim conclui-se com um exemplo de discurso e laço social educacional problemático visto que atende unilateralmente tanto ao discurso como a prática da acumulação capitalista: o resultado é a subsunção ideológica, cultural, formativa e prática da educação à acumulação capitalista.

Palavras-chave: Trabalho, Lógica do Capital, Ideologia, Crise Social.

Abstract – The article's initial objective is to demonstrate how discourses are lines that are constructed in speech (academic in this case) and, as such, it needs to inquire about the relevance of the symposium theme, but within other productive references. Then, through a segmentation of this text into concepts, it is intended to explain misconceptions when talking about work and the work society, covering, in the segmentation, some ideas dear to the productive forces and the current accumulation of wealth. It exemplifies, then, necessary forms of human instrumentalization of social demands never met by capital: it is shown, with this, that the logic of capital delegitimizes social needs and produces subjectivities for its purposes and never oriented to meeting the basic needs of human beings. humans. Finally, it concludes with an example of problematic educational discourse and social bond since it unilaterally attends to both the discourse and the practice of capitalist accumulation: the result is the ideological, cultural, formative and practical subsumption of education to capitalist accumulation.

Keywords: Work, Capital Logic, Ideology, Social Crisis.

¹ Professor e pesquisador do CPS. E-mail: marcelo.doti@fatec.sp.gov.br; marcelo.micke@uol.com.br.

*As coisas mais difíceis de falar são as
que nós mesmos não conseguimos entender.*

*As línguas, para mim, têm um veneno secreto
que de vez em quando aflora e para o qual não há antídoto.*

(Elena Ferrante, *A filha perdida*, pp. 6 e 21)²

1 Introdução: desfazendo emaranhados e nós

Este artigo tenciona abordar o tema do atual simpósio de maneira um pouco diferente. Em outros termos, de maneira bem menos ortodoxa. Evidentemente a referência à ortodoxia ou heterodoxia é sempre relativa, ou seja, em relação a qual *doxo*, qual conjunto de crenças, opiniões, formas de pensar. Neste caso é que as coisas mais difíceis de falar são aquelas que também não se entendem. Ou pior: não se quer entender.

Neste caso e por isso também que as línguas possuem um “veneno secreto”. Ou, talvez, não tão secreto assim. São as formas ou elementos significantes construtores de discursos: um discurso vai se pautando por elementos e mais elementos até estarem prontos, falados, expressados. O meio acadêmico é repleto de discursos como em qualquer outra atividade humana. E – também como em qualquer outra atividade humana – vemos seu fluir, mas nunca as armaduras, os “andaimos”, as estruturas que os legitimaram, as forças marteladoras a torná-los prontos. São essas forças que se denominam ideologias. Não, não são falsa consciência e nem mesmo um discurso oposto à ciência, como se estas também não fossem aparelhadas com valores de suas épocas. Neste momento ideologia constrói-se como um simbólico, poderes formadores de imagens, imagéticas, valores, afetos, emoções e profundamente articuladas, inclusive, com elementos psíquicos como é o caso do supereu (e não superego: em alemão Freud o denominou de *Überich*, em outros termos um sobre – *über* – o eu – *ich*). Também se constrói de poderes e forças institucionais. Assim, o valor das ideias é impressionante e muito maior do que imaginamos: “sem que se perceba que as ideias são as armas mais importantes de qualquer dominação fática, não compreendemos nada de importante no mundo social” (SOUZA, 2022).

Por este caminho é perceptível o tema do presente simpósio apresentar ou lançar as possíveis relações entre trabalho, educação e produção sustentável. Ora, esse fluir temático é um discurso, lança fios e linhas de palavras e significações, significantes e potências imagéticas, valorativas etc. A questão pouco ortodoxa é: quais relações são esperadas? Pretende-se debater como qualquer simpósio, palestra, debate, discussões e fóruns tencionam fazer. Essa é a função e o mecanismo da academia, do mundo intelectual e científico.³

² FERRANTE, 2016.

³ Científico aqui está longe da tradição anglo-saxônica como ciência “dura” ou ciência positiva. Está muito mais em uma relação com *saber* como sua origem latina *scientia*, conhecimento. Também se ampara aqui com certa tradição germânica da filosofia como de Wilhelm Dilthey das ciências do espírito que teriam como objeto o homem e o comportamento humano, mas também a palavra alemã para ciência: *Wissenschaft* guardando uma relação mais estreita com conhecimento, forma de saber. O núcleo deste artigo não é, no entanto, filosofia da ciência e nem mesmo epistemologia e sim os paradoxos da sociedade do trabalho. Por este motivo ao referimos o termo *ciência* teremos em

Neste caso, então, vamos embaralhar um pouco os sentidos e dizer que trabalho, educação e produção sustentável são impossíveis sob determinados parâmetros na sociedade atual e seus mecanismos econômicos, políticos, educacionais etc. Não vamos e não pretendemos entrar em EPT (educação para o trabalho). A importância desta é incontestável, mas qual educação para o trabalho é possível dentro da atual sociedade? A educação fragmentada das “competências” (discutiremos neste artigo mais adiante esta questão) que parece lembrar a frenologia de Franz Joseph Gall no século XIX de um “cérebro modular”?

A grande questão será apresentar possibilidades novas para pensar o tema dentro de referências outras em termos de modelo socioeconômico produtivo e escapando do que se espera ortodoxamente e demonstrar onde estão os paradoxos de se falar de crise do trabalho (qual trabalho está em crise?), por exemplo. Ou então trabalho e produção sustentável em qual sociedade. Neste sentido foi referido ser o presente artigo ortodoxo e tomou o tema do seminário em seu conteúdo e forma e o subverteu pensando em outras possibilidades. Em outros termos, procurou-se dar uma nova abrangência ao tema e não o limitar: afinal não se trata de um simples tema, pois falamos de seres humanos, pessoas, ansiedades e cansaços, moções, biomas e alimentos. Por vezes (quase sempre) é preciso tomar as linhas discursivas referidas atrás e lembrar que sempre são formas e composições ideológicas e tratam de determinadas construções econômicas, políticas, sociais e culturais e perguntar-lhes: por que não de outra forma.

Por fim, é preciso lembrar mais uma questão sobre a importância das ideias e dos discursos tendo presente a citação de Jessé Souza acima e o poder das ideias, sua forma bastante peculiar de legitimar e produzir subjetividades. Mais: tais ideias e poderes simbólicos como base de qualquer dominação fática, tão poderosas a ponto de impedirem de perceber qualquer outro campo ou núcleo ideal que escape das amarras das formas dominantes.

As ideias não surgem “soltas no ar” e não produzem em nós tão somente uma relação entre o falado e o significado ou, em termos da linguística de Saussure (2012), uma relação entre o significante e o significado produzindo o signo linguístico. Não produzem em nós tão somente sons em nossas membranas auditivas. Ficando dentro dessa percepção permanecemos inadvertidamente dentro de uma estranha analogia: a fala é meio de troca como o dinheiro.⁴ A fala é a única coisa que promove laços sociais. Há, evidentemente, laços e articulações econômicas, sociais etc., mas todos precisam da fala. Ao pensarmos no discurso acadêmico tão somente, isso ganha plenitude. São justamente esses discursos e as falas que os acompanham o campo de produção do laço social e, como tal, o conteúdo das ideias dessas falas, seus conceitos, suas imposições que irão legitimar, enobrecer ou esgarçar os laços sociais impedindo, no caso do tema em

mente todo este arcabouço. Poderemos também referir como discursos e narrativas do conhecimento aceitas em determinadas comunidades abertas e propostas ao debate.

⁴ Não era necessário desenvolver esta concepção dentro do texto e por isso deixamos para esta nota. Evidente que nenhuma concepção ou ideia no campo social é inocente, lembrava-nos Lukács. Esta analogia não explícita com o dinheiro é um processo de rebaixamento da importância da fala e de seu potencial transformador. É também uma forma de mercantilização da subjetividade como mais um aspecto das novas razões do mundo. Os sentidos são múltiplos e, por isso, poderíamos atribuir outro a essa analogia ligada às anteriores: empobrecimento da fala, da subjetividade, das construções formativas de sujeitos e, como não podia deixar de ser, empobrecimento da educação a mera construtora de competências e construção de “colaboradores” para o mercado de trabalho. Rebaixar a fala à analogia com o dinheiro é a própria despolitização da fala.

questão do simpósio, de perceber onde estão as determinações significantes do social, da sociabilidade e de qual crise se está falando.

2. Formação, trabalho e crise específica

A grande questão que se impõe, então, é a demonstração dessa crise do trabalho ou melhor: qual crise. Ela existe? Em certos círculos acadêmicos – e de maneira geral como processo ideológico – incute-se constantemente a ideia sobre a falta de formação profissional para o trabalho. Atrela-se a partir daí uma relação totalmente arbitrária e sem mediação alguma: a falta de qualificação de força de trabalho (mercadoria) impede grande quantidade de trabalhadores de encontrarem alocação em postos de trabalho que, por sinal, existem e não são preenchidos. O argumento só não é mais falacioso, por ser uma dura e crua mentira ideológica. A questão é muito outra: as formas de produzir ou regimes produtivos do modo de produção capitalista estão em constante busca de lucro e sobrelucro com destaque especial para as grandes corporações mundiais e sua flexibilidade (HARVEY, 2013). Obtenção de lucro depende de vários fatores, entre eles a eficiência produtiva (DOTI; GUERRA, 2011) só alçada remodelando as táticas produtivas, ou seja, aumentando os ritmos de produção por meio de instrumental automatizado (BACHI, 2008). Residualmente algumas formações profissionais/qualificações⁵ são necessárias. Na formação social em que existimos, pós-moderna, o tempo é percebido como eterno presente, um *ad infinitum* nunca marcado, nunca segmentado e, pior, nunca questionado. Em que momento esta característica cultural, ideológica e superegógica se articula com a afirmação anterior sobre a falta de qualificação e ausência de empregabilidade, colocando em xeque até mesmo as formas de educar?⁶ A falácia do argumento é justamente fazer esquecer o tempo: em sua busca de eficiência os regimes e operações produtivas são constantemente abalados, transformados, revolucionados extinguindo atribuições e qualificativos impregnados antes na força de trabalho. Talvez a única solução seja – se esta afirmação agora não fosse uma alegoria irônica – não ter qualidade alguma como o homem de Musil.

Organizando os argumentos centrais e entrelaçando-os em um sistema tentacular, proceder-se-á por meio de segmentações dos assuntos e ideias e, somente *a posteriori*, poderemos concluir e mostrar de qual crise da sociedade do trabalho se fala e qual seu grande paradoxo.

Em primeiro lugar a questão das competências e sua forma de ser colocada como uma espécie de “mercado de qualificação” (particularização e estreitamento das capacidades humanas) e qual a instância socioeconômica determina, modela, delimita e hierarquiza em seu gerenciamento de poder o

⁵ Inserimos aqui uma ideia contrastante: formação profissional/qualificada e profissão. Não sendo este artigo dedicado à EPT e à concepção de educação que esta preside, nada será aprofundado. O contraste apenas foi inserido para referir esta formação aos desenhos do mercado de trabalho e não aos desenhos sociais e culturais e políticas públicas de diversidades humanas. Com isso pode-se perceber como o discurso das competências nada mais é do que a modulação profissional determinada pelo mercado na forma de inserção temporal: o “agora-já” importa e não qualquer projeto social.

⁶ Necessária constatação: há uma *moralidade* neste momento. Comum ouvir nos “corredores da vida” ou nos “corredores vividos” que “só não tem trabalho quem não quer”. Tivesse estudado, qualificando-se, ao invés de brincar e “soltar pipa ou jogar bola” e estaria muito bem. *Moralidade* que é uma forma de prender-se a ideologia a particularidades do supereu. Ouvimos aqui a fábula da formiga e da cigarra e impossível não pensar no capítulo 24 do livro I de *O Capital*, “A assim chamada acumulação primitiva” no qual Marx ironiza os economistas ingleses e o esforço para acumulação como virtude (Marx, 1973). Cerca de 170 anos depois e ainda permanece a falácia moral repostada pelas “novas razões do mundo” neoliberal.

“bom” e o “mau” trabalhador. Desta forma as competências poderiam ser definidas como a capacidade de um

(...) técnico ou tecnólogo que tenha sua formação calcada principalmente em competências comportamentais, devidamente já regradas às normas empresariais, com sua ética e racionalidade pré-estabelecidas, dificilmente poderá estabelecer conexões mais amplas com outros setores da sociedade, uma vez que suas competências estão pré-moldadas para um único setor dessa sociedade, o empresarial (FREIRE; DELGADO; BATISTA, 2021, p. 21).

Os autores da publicação acima fazem referência, nesta passagem de seu artigo, explicitamente, às chamadas competências socioemocionais, as propaladas *soft skills*. No entanto, é possível a partir dela obter um grau muito bom do significado de competência (ainda que seu significado esteja muito mais claro e desdobrado nas primeira e segunda partes do artigo). Especialmente interessante é que nesta passagem do artigo os autores já mostram a quem se dirige a qualificação e adequação competente: “para um único setor dessa sociedade, a empresa”.

Fica claro o processo pelo qual as competências e qualificações são e para quem são adquiridas: para a lógica produtiva do capital. O “mercado de qualificação” não faz parte de um jogo humano de realizações das necessidades sociais, de necessidades da produção social e seu controle: esse mercado e suas competências adquiridas são voltadas a um processo de gerenciamento dos atos de trabalho, dos movimentos, dos gestos e da vida pelo e para a lógica produtiva do capital e sua acumulação cada vez mais centralizada de riquezas.⁷

Um segunda segmentação de ideias a qual gostaríamos de fazer referência e cuja argumentação segue a crítica anterior de competência bem como se serve do artigo acima citado é o dualismo instaurado de trabalho e emprego. Não há falta de trabalho ou crise da sociedade do trabalho: a questão é o atrelamento dele ao emprego, à formalidade empregatícia dentro da lógica do capital. Para este só haverá condições de geração de novos postos de trabalho e, portanto, empregabilidade se houver necessidades para aumentar sua reprodução. E não qualquer reprodução: deve ser a reprodução ampliada cujo foco em contínuo processo de centralização e concentração do capital e seus poderes definem o que ou não é importante produzir, consumir, empregar, quais competências desenvolver no trabalhador e – pior – dentro de sua lógica “moralizar” um “inútil” de sua ordem: os processos ideológicos instaurados dentro das instâncias superegóicas. Com isso apenas alarga-se mais ainda os chamados *excluídos* e o exército industrial de reserva. Explosões sociais,

⁷ Interessante uma passagem do texto dos mesmos autores sobre as *soft skills* e vale ser citada: “As competências socioemocionais, embora ressaltando as escolhas dos alunos que já as tem ou precisam ser preparados para tê-las, buscam enfatizar a dimensão ética, deixando a dimensão política em um lugar bastante problemático, numa proposta que se pensa construída a partir do protagonismo dos estudantes na sua vida pessoal e coletiva” (FREIRE; DELGADO; BATISTA, 2021, p. 12). Ainda que se pudesse discutir – o que não vem ao caso – as diferenças entre ética, moral e política (na passagem acima ética é contraposta a política no sentido atribuído pela ética no mundo do gerenciamento absoluto do capital e sua “nova razão do mundo”, ou seja, conjunto de regras do “bem-viver” no trabalho, equipe e na corporação), a questão fica evidente: a política não fica em um lugar “problemático”, ela é totalmente destituída de valor e significância. O mesmo resultado se obtém ao transformar o trabalho na estreita definição de “capital humano”. Com referência às *soft skills* pode advir complementarmente argumentos da psicanálise: boa parte dos programas e ementas dessas disciplinas e dos textos produzidos para ser aplicadas nelas falam de *resiliência* entre outros conteúdos destacados pelos autores citados. Ora, resiliência ou qualquer outro comportamento adquirido são versões da *teoria comportamental cognitiva* (TCC) significando que pouco importa um trabalho psíquico “por dentro”, perlaboração ou *durcharbeiten* na expressão de Freud. Dessa forma, seja na TCC, seja nas *soft skills* cabe ao “colaborador” ser adestrado, um *sollen* kantiano é posto aqui, porém não para a vida em sociedade (como queria Kant), mas para melhora servir à reprodução e gestos do capital, não gestos humanos.

dentro dessas condições, não são impossíveis, ao contrário: vivemos uma de suas faces dentro do ressurgimento de formas fascistas de gerenciamento da crise do capital.

Assim:

Nesse sentido, cada crise do capitalismo também constitui uma oportunidade de mudança, incluindo uma que não muda nada no fundo e representa apenas uma reordenação dentro do próprio sistema capitalista. E é que em toda oportunidade revolucionária a possibilidade de seu oposto também aninha: a contrarrevolução (RIVERA-LUGO, 2020).

Neste caso é que temos como formas de contrarrevolução os modelamentos fascistas e suas técnicas de poder (STANLEY, 2018). Todas e sempre favorecendo a acumulação mais rápida, mas acelerada e mais concentrada do capital. Todas, inevitavelmente, rompendo o tecido social dentro das frágeis configurações que o capital conseguiu se escorar ao longo do século XX sendo a mais conhecida o *welfare state*, o estado de bem-estar social. O fracasso deste teve na produção flexível de Harvey (2013) sua resposta. Mas, ao longo das décadas que se passaram a partir dos anos 1970 e depois da crise de 2008, mesmo o neoliberalismo se mostrou fraco: a solução teve ainda está por avançar pelas formas fascista. Por isso, segundo ainda Rivera-Lugo:

É errado ver o fascismo como uma mera aberração política ou moral. Não se trata de algo estranho ao capitalismo, mas sim de um fenômeno inerente a ele. O capitalismo é basicamente uma tirania de classe e, portanto, potencialmente fascista quando falha em impor seus ditames com o consentimento dos governados e a submissão disciplinada dos trabalhadores (2020).

Onde as resposta da sociedade ingovernável (CHAMAYOU, 2018) não mais se prestam, a solução será esgarçar até os limites os mínimos pactos sociais, civilizacionais e de governabilidade para permitir a escala crescente de acumulação, a liberdade total do capital e as formas mais degradantes de miséria física e mental se perpetuando.

A lógica em marcha posta pelo capital e todas as suas formas de gerenciamento⁸ restringe nossas próprias capacidades intelectuais, acadêmicas e imaginativas. Fala-se – como o tema deste simpósio – em educação, trabalho e sustentabilidade, mas tendo como pressuposto o capital: há um universo muito além dele. Apenas como exercício de imaginação e possibilidades, alguns exemplos:

- não faltam em qualquer unidade de atendimento de saúde (públicas ou privadas) pessoas que apenas precisam serem ouvidas. No entanto, as políticas públicas são atreladas ao capital financeiro e há constantes cortes de investimento na área da saúde (no mundo todo). O caso dos atendimentos particulares nem é preciso falar: trata-se da mercadoria saúde e bem-estar. Como se realizam esses atendimentos, entretanto? Como números da

⁸ Ao contrário do marxismo desenvolvido nos séculos XIX e parte do XX – com muitas ramificações e longas raízes até hoje – as formas de gerenciamento do capital não se restringem ao tempo e o “entalhe” dos corpos: o horizonte do gerenciamento é a vida em todas as suas formas. Construir subjetividades totalmente determinadas em pensamentos, sentimentos, atenção, gestos, afetos é o limite último das tecnologias mais sofisticadas a cargo do capital.

eficiência atendida apresentando resultados. Muitas das pessoas demandantes, em longas esperas existenciais, querem apenas falar de si, contar sua vida, entender por qual motivo ela se sente desta ou de outra maneira. Toda demanda é demanda de amor na psicanálise e essa escuta seria crucial para a vida dessa multidão solitária. Conclui-se, neste primeiro exemplo, que há muito trabalho a fazer. Porém, é rentável ao capital?

- falar em sociedade da informação é uma falácia em vários sentidos. Aqui estamos falando de acesso às potencialidades de informação e não seus conteúdos e formas manipulativas. Em termos de acesso à Internet, por exemplo, segundo o Banco Mundial em 2015 eram 56,7% aqueles que nunca a tinham acessado entre os 7 bilhões de seres humanos do planeta naquele momento (SIBILIA, 2016, p. 49). Isso significa uma necessidade quase incomensurável de trabalhos e trabalhadores a fazerem tudo: energia, cabeamento, construção e distribuição de notebooks, tablets, celulares entre tantas outras coisas. Poder-se-ia dizer isto apenas um sonho ou “idealismo” no sentido vulgar da palavra e não filosófico. Não é de forma alguma: trata-se de processos de inclusão social e se não são rentáveis ao capital e sua forma de acumulação, esta lógica produtiva e destrutiva precisa ser limitada.

- não será necessário multiplicar exemplos, pois a lista de necessidades humanas – biológicas, fisiológicas e psíquicas – são praticamente infinitas. Debruçando-se nestes a lista se transformaria em um verdadeiro programa de reestruturação da sociedade. Entrariam na lista infinidades tais como transporte público acessível (o capital faria transporte público na Amazônia?), habitação, saneamento básico (não aquele que provocou na Bolívia a revolta contra a privatização da água elevando as contas a cerca de 25% do rendimento dos mais pobres: esta é a lógica do capital) e tantas outras formas e demandas sociais necessárias. Exemplos que se multiplicariam mais ainda com serviços de todas as espécies: cuidados com deficientes, idosos, aprendizado/educação com novas dinâmicas tais como menor número de alunos, escolas sem paredes etc.

3. Um discurso educacional problemático (uma conclusão)

Escuta-se com frequência dentro das diversas instâncias acadêmicas – seja em palestras, simpósios, mas também “à boca pequena” em salas e corredores dentro dos ambientes de ensino superior – os discursos e seus fios articulados e promotores dos laços sociais dentro da educação – e da EPT em particular – diante das necessidades de “perfil profissional mais multidisciplinar e solucionador de problemas”. Com isso é “necessário um ensino articulador de teoria e prática como processo de ensino e aprendizagem por competências” e cujo resultado seja a inovação e a adaptação a cenários adversos. Como visto neste artigo, todo fio discursivo, toda fala e seus laços – especialmente no meio acadêmico profundamente ligado e dependente dos discursos e das falas – possuem intenções, formas e lugares de produção de legitimidade, construtores de subjetividades e atividades superegóicas muitas vezes não

percebidas. Nestes breves fios elencados é possível notar algumas questões pertinentes.

O “mundo do trabalho exigindo um perfil profissional cada vez mais multidisciplinar” impõe de início um questionamento: qual o significado do mundo do trabalho. O que se quer dizer com isso neste discurso? O que é mundo do trabalho para quem enuncia constantemente esses fios discursivos? Parece-nos bem evidente: mundo do trabalhador e das suas condições apenas e tão somente como trabalhador. Destitui-se o trabalhador de cidadania, conhecimento político, campo de entendimento dos jogos sociais, de força e poder etc. Formar para o trabalho também é e deveria ser entender as condições em que o trabalhador está ou estará inserido. Multidisciplinar surge no contexto desta fala e deste artigo como possuidor de mais competências, ou seja, com mais disposições a ser “pau para toda obra”. Significa entender de tudo e não saber nada. Significa ser uma peça que não articula nenhuma das competências. Apenas vão se justapondo conhecimentos para os quais ele se torna um instrumento ainda imprescindível como uma máquina velha que ainda não pode ser substituída.

Outro fio discursivo posto é “solucionar problemas”. Vimos anteriormente neste artigo uma crítica pertinente sobre qualificação/capacitação possível de agora ser utilizada e desmontar esta fala, ou seja, solução de problemas para os quais uma máquina ainda não sabe fazer ou um cérebro velho que será em breve substituído.

Seria fácil e possível continuar desmontando cada uma das frases, falas e discursos legitimadores de uma única forma de fazer e produzir. Acredita-se não mais necessário visto que foi posta a questão da lógica do capital e sua determinação sobre o trabalho, a educação, a EPT e sobre todo o processo de vida e construção das subjetividades. Os discursos buscam legitimar essa determinação. Adaptação a cenários adversos, por exemplo, nada mais é do que processos de significação culpabilizante do trabalho e do trabalhador: ele é o único responsável pela sua desgraça, infelicidade e solidão dentro da multidão. Não há crise do trabalho e sim das formas de produção, acumulação e reprodução das necessidades sociais modeladas e geridas pelo capital. Não há paradoxos, há apenas uma lógica unilateral de poder político, social, econômico, ideológico, cultural e psíquico modelando a vida social e determinando através de sua perspectiva de acumulação o que é ou não necessidade, o que ou não legítimo. E com isso não há também possibilidade de qualquer produção sustentável dentro da acumulação ampliada e infinita: não há sustentabilidade material, energética, existencial e psíquica. Não é possível sustentabilidade alguma quando os controles sociais e as possíveis políticas públicas de apaziguamento das “dores sociais” são destruídas.

Referências

BACHI, Sergio. **La crisis final del capitalismo: el hombre y la máquina**. Santiago do Chile: Ernesto Carmona Editor, 2008.

CHAMAYOU, Grégoire. **A sociedade ingovernável: uma genealogia do liberalismo autoritário**. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

DOTI, Marcelo Micke; GUERRA, Sinclair Mallet Guy. **Eficiencia tecnológica, fuerzas productivas y clases sociales.** Herramientas: revista de debate y crítica marxista. Buenos Aires, 2011. Disponível em: <<https://herramienta.com.ar/eficiencia-tecnologica-fuerzas-productivas-y-clases-sociales>> Acesso em: 13 ago. 2022.

FERRANTE, Elena. **A filha perdida.** Rio de Janeiro: Intrínseca, 2016.

FREIRE, Emerson; DELGADO, Darlan Marcelo; BATISTA, Sueli Soares dos Santos. As competências soft nas políticas internacionais para a educação profissional e tecnológica pós-pandemia. In: **Rev. Bras. Educ. Comp.**, Campinas, SP, v.3, p.1-25, 2021.

HARVEY, David. **A condição pós-moderna.** 24 ed. São Paulo: Loyola, 2013.

MARX, Karl. **El capital:** crítica de la economía política. Tomo I. Habana: Instituto Cubano del Libro, 1973.

RIVERA-LUGO, Carlos. Fascismo e crise como contradição. In: **Blog da Boitempo.** Publicado em 27 de outubro de 2020. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2020/10/27/fascismo-e-crise-como-contradicao/?utm_campaign=ADC+para+CONTATOS&utm_content=%5BNo+title%5D+%281%29&utm_medium=email&utm_source=EmailMarketing&utm_term=ADC+Setembro+2022+-+email+2> Acesso em: 14 jul. 2022.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral.** 28 ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

Louis DumontSOUZA, Jessé. **Brasil dos humilhados:** uma denúncia da ideologia elitista. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2022.

STANLEY, Jason. **Como funciona o fascismo:** a política do “nós” e “eles”. Porto Alegre: L&PM, 2018.

* * *